

Tecno- feudalismo

Yanis

Varoufakis

Ou o fim do capitalismo

Obje-
tiva-
mente

*Para o meu Pai,
que me mostrou como tudo
o que importa traz em si a semente do seu oposto.*

Índice

<i>Prefácio</i>	II
1. O lamento de Hesíodo	17
2. As metamorfoses do capitalismo	43
3. O capital-nuvem	81
4. A ascensão dos cloudalistas e o declínio do lucro	119
5. O que encerra uma palavra?	147
6. O impacto global do tecnofeudalismo: a nova Guerra Fria	181
7. A fuga ao tecnofeudalismo	215
Apêndice 1 — <i>A economia política do tecnofeudalismo</i>	259
Apêndice 2 — <i>A loucura dos derivados</i>	287
<i>Influências, leituras e agradecimentos</i>	291

Prefácio

Há alguns anos, decidi escrever uma breve história do capitalismo. Para atenuar a enormidade da tarefa — e para me obrigar a concentrar-me no que, em última análise, está na base do capitalismo —, resolvi fingir que estava a narrar a história do capitalismo à minha filha, que na altura tinha doze anos. Assim, sem pedir autorização à Xenia (algo que ela nunca me perdoará!), comecei a escrever o livro sob a forma de uma extensa carta dirigida a ela própria. Tomando o cuidado de evitar qualquer jargão (nem sequer usei a palavra «capitalismo»!), impus-me o critério de que a narrativa só faria sentido se fosse compreensível para uma criança — um verdadeiro teste à solidez da minha própria compreensão da essência do capitalismo. O resultado foi um pequeno volume intitulado *Talking to My Daughter: A Brief History of Capitalism*. O ponto de partida era uma pergunta à primeira vista simples que ela me fez: por que razão existe tanta desigualdade?

Mesmo antes da sua publicação em 2017, sentia-me inquieto. Entre o momento em que concluí o manuscrito e aquele em que tive nas mãos o livro publicado, parecia-me que estávamos nos anos 1840 e que eu ia lançar um livro sobre o feudalismo; ou, pior ainda, era como se estivesse a aguardar que, no final de 1989, viesse a lume um livro sobre o planeamento central soviético. Demasiado tarde, portanto.

Nos anos que se seguiram à sua publicação, primeiro em grego, depois em inglês, foi ganhando força a minha estranha hipótese de que o capitalismo estava a desaparecer (e não apenas a sofrer uma das suas muitas e impressionantes metamorfoses). Durante a pandemia, esta hipótese transformou-se numa convicção, e a convicção numa necessidade de expor o meu raciocínio num livro, nem que fosse apenas para dar aos amigos e adversários indignados com a minha teoria a oportunidade de a criticarem devidamente, depois de a terem lido na íntegra.

Qual é, então, a minha hipótese? É a de que o capitalismo está morto, no sentido em que a sua dinâmica deixou de governar as nossas economias. Nesse papel, foi substituído por algo fundamentalmente diferente, a que dou o nome de tecnofeudalismo. A minha tese assenta numa ironia que, à primeira vista, poderá parecer confusa, mas que espero demonstrar fazer todo o sentido: aquilo que matou o capitalismo foi... o próprio capital. Não o capital tal como o conhecemos desde o início da era industrial, mas uma nova forma de capital — uma mutação que surgiu nas últimas duas décadas e que, sendo muito mais poderosa do que a anterior, acabou por matar o seu hospedeiro, qual vírus néscio e demasiado zeloso. O que provocou tal fenómeno? Dois desenvolvimentos principais: a privatização da internet pelas grandes tecnológicas dos Estados Unidos e da China e a forma como os governos ocidentais e os bancos centrais reagiram à grave crise financeira de 2008.

Antes de me alongar sobre esta questão, importa sublinhar que este livro não versa sobre o que a tecnologia nos *vai* fazer. Não trata de *chatbots* com inteligência artificial que virão roubar-nos o emprego, de robôs autónomos que nos ameaçarão a vida, nem do metaverso de Mark Zuckerberg, mal estruturado desde o início. Não: é um livro que se debruça

sobre o que o capitalismo *já* sofreu — e, por arrasto, nós próprios — com a ação de dispositivos com ecrã ligados à nuvem que todos usamos: o nosso corriqueiro portátil e o nosso telemóvel, a par da forma como os bancos centrais e os governos têm atuado desde 2008. A mutação histórica do capital cuja importância procuro evidenciar já ocorreu — mas, enredados nos nossos dramas prementes, desde preocupações com dívidas e pandemias até às guerras e à emergência climática, mal nos demos conta disso. Já vai sendo tempo de prestarmos atenção!

Se o fizermos, não é difícil perceber que a mutação do capital naquilo que denomino *capital-nuvem* demoliu os dois pilares do capitalismo: os mercados e os lucros. Naturalmente, os mercados e os lucros continuam omnipresentes — na verdade, também eram omnipresentes no tempo do feudalismo —, mas já não comandam o sistema. O que aconteceu nas últimas duas décadas foi que o lucro e os mercados se viram arredados do epicentro do nosso sistema económico e social, relegados para a periferia dos mesmos e substituídos. E deram lugar a quê? Os mercados, o meio de circulação do capitalismo, foram substituídos por plataformas digitais de transação, que se assemelham a mercados, embora, na prática, devam ser encaradas como feudos. E o lucro, o motor do capitalismo, foi substituído pelo seu antecessor feudal: a renda. Mais precisamente, uma forma de renda que se paga para ter acesso a essas plataformas e, de forma mais abrangente, à nuvem. Designo-a por *renda da nuvem*.

Como consequência, o poder real, hoje em dia, não reside nos detentores do capital tradicional, como máquinas, edifícios, redes ferroviárias e de telecomunicações, robôs industriais. Estes continuam a arrecadar lucros dos trabalhadores, do trabalho assalariado, mas já não estão no comando como aconteceu no passado. Como veremos, tornaram-se vassalos

em relação a uma nova classe de senhores feudais: os proprietários do capital-nuvem. Quanto a nós, regressámos ao nosso antigo estatuto de servos, contribuindo para a riqueza e para o poder da nova classe dominante com o nosso trabalho não remunerado — além do trabalho assalariado que realizamos, quando temos essa sorte.

Mas será que tudo isto tem impacto no modo como vivemos a vida e percebemos o mundo que nos rodeia? Sem dúvida. Como mostrarei nos capítulos 5, 6 e 7, o facto de reconhecermos que o nosso mundo se tornou tecnofeudal ajuda-nos a desfazer enigmas, de grande e pequena dimensão: desde a evasiva revolução da energia verde e a decisão de Elon Musk de comprar o Twitter, até à nova Guerra Fria entre os Estados Unidos e a China, passando pela forma como a guerra na Ucrânia ameaça a supremacia do dólar; desde a morte do indivíduo liberal e a impossibilidade da social-democracia até à falsa promessa da criptomoeda e à premente questão de como poderemos recuperar a nossa autonomia — e, porventura, até a nossa liberdade.

No final de 2021, munido dessas convicções e incentivado por uma pandemia que as fortaleceu, o destino estava traçado: iria meter mãos à obra e escrever uma breve introdução ao tecnofeudalismo — a realidade social incomparavelmente mais horripilante que acabou por substituir o capitalismo. Só restava uma dúvida: quem deveria ser o destinatário da obra? Sem refletir muito, decidi dirigi-la à pessoa que me dera a conhecer o capitalismo numa idade ridiculamente precoce, e que, tal como a sua neta, uma vez me fez uma pergunta à primeira vista simples que permeia quase todas as páginas deste livro. O meu pai.

Para o leitor impaciente, um aviso: a minha descrição do tecnofeudalismo só aparece no Capítulo 3. E para a minha descrição fazer sentido, tenho de recapitular previamente as

extraordinárias metamorfoses do capitalismo ao longo das décadas anteriores, o que constitui a matéria do Capítulo 2. O início do livro, por sua vez, não versa sobre o tecnofeudalismo. O Capítulo 1 narra a forma como o meu pai, com a ajuda de alguns fragmentos de metal e da poesia de Hesíodo, me apresentou, tinha eu seis anos, a relação conturbada da tecnologia com a humanidade e, por fim, a essência do capitalismo. Expõe os princípios orientadores sobre os quais assenta toda a reflexão subsequente e termina com aquela pergunta aparentemente simples que o meu pai me fez em 1993. O resto do livro assume a forma de uma carta que lhe é endereçada. É a minha tentativa de responder à sua pergunta crucial.

1

O lamento de Hesíodo

O meu pai foi o único esquerdista que conheci que não conseguiu perceber por que razão a alcunha Dama de Ferro atribuída a Margaret Thatcher era, de certa forma, pejorativa. E eu devo ter sido a única criança que cresceu convencida de que o ouro era o parente mais pobre do ferro.

A minha crença nas qualidades mágicas do ferro começou no inverno de 1966, que me recordo de ter sido particularmente frio. Com a pressa de deixarem o pequeno apartamento arrendado onde morávamos enquanto a nossa casa em Palaió Fáliro, um bairro litoral de Atenas, estava a ser reconstruída, os meus pais instalaram-nos novamente na habitação, cujas obras ainda não estavam concluídas, a meio do inverno, quando ainda faltava instalar o aquecimento central. Felizmente, o meu pai insistira para que a nossa nova sala de estar tivesse uma lareira como deve ser, de tijolo vermelho. Foi ali, diante do seu cálido brilho, que, ao longo de várias noites de inverno, me apresentou, um a um, os seus amigos, como lhes chamava.

Os amigos do meu pai

Os seus amigos chegaram num volumoso saco cinzento que ele trouxe para casa numa noite, vindo da «fábrica», a siderúrgica em Elêusis onde trabalhou como engenheiro

químico durante seis décadas. Eram de uma simplicidade desconcertante. Alguns pareciam pedras sem forma, pedaços de minério, como aprendi mais tarde. Outros eram varas e chapas de metal de várias formas, igualmente desinteressantes. Se não fosse pelo modo carinhoso com que os dispunha sobre uma toalha de mesa dobrada, branca e bordada à mão, em frente à lareira, eu nunca teria pensado que fossem especiais.

O estanho foi o primeiro amigo que me apresentou. Depois de me dar um pedaço para as mãos, para eu lhe sentir a suavidade, colocou-o numa tigela de ferro que depois pousou sobre o fogo crepitante. Quando o estanho começou a derreter e o líquido metálico encheu a tigela, os olhos do meu pai brilharam. «Tudo o que é sólido passa ao estado líquido e, a seguir, se continuarmos a expô-lo ao calor, transforma-se em vapor. Até os metais!» Quando se convenceu de que eu apreciara a grande transição do estado sólido para o líquido, despejámos os dois o estanho líquido num molde, imergimos o molde em água para o arrefecer e depois partimo-lo para eu poder, mais uma vez, pegar no estanho com as mãos e comprovar que o nosso amigo estava de volta ao normal — que tinha sido restituído ao seu estado inicial.

Na noite seguinte, fizemos uma experiência com outro amigo: uma barra comprida de bronze. Desta vez, não houve grande transição, pois a temperatura de fusão do bronze é pelo menos cinco vezes superior à do estanho. Mesmo assim, a barra começou a emitir um brilho vermelho-alaranjado, e o meu pai mostrou-me como eu podia dar a forma que quisesse à extremidade quente da barra, com a ajuda de um martelinho de aço. Depois de eu a ter martelado quanto bastasse, mergulhámos a barra em água fria para a devolver, fria e inalterada, ao seu estado original e maleável.

Na terceira noite, o meu pai parecia mais entusiasmado do que nunca. Estava prestes a apresentar-me o seu melhor amigo, o ferro. Para intensificar o *suspense*, retirou a aliança do dedo e mostrou-ma. «Vês como o ouro brilha?», disse ele. «As pessoas sempre se apaixonaram por este metal devido à sua aparência. O que não percebem é que não passa disso: é vistoso, mas não tem nada de especial.» Se eu quisesse, ele teria todo o gosto em demonstrar-me que, quando aquecemos o ouro e a seguir o imergimos em água para arrefecer, este volta ao seu estado anterior, tal como acontece ao estanho e ao bronze. Satisfeito por eu não ter insistido numa demonstração, passou à sua parte favorita.

Erguendo um pedaço de minério de ferro e olhando para o bloco insípido, qual Hamlet a contemplar o crânio de Yorick, o meu pai declarou: «Agora, se queres uma substância mesmo mágica, aqui a tens: é o ferro. O Mago dos Materiais.» E, em seguida, passou a sustentar a sua afirmação submetendo uma barra de ferro à mesma tortura que infligíramos à barra de bronze na véspera, mas com duas diferenças cruciais.

Antes de aquecer o ferro, tive a oportunidade de martelar a extremidade da barra e verificar que era suave e quase tão maleável como o bronze. Já na lareira, um pequeno fole ajudou-nos a alimentar as chamas até o brilho do ferro tingir de escarlate a sala de estar escassamente iluminada. Retirámos a barra da lareira e, com o martelinho, demos-lhe a forma de algo que, aos meus olhos de criança, parecia uma espada. Ao mergulhá-la na água fria, o ferro chiou, como que em triunfo. «Pobre Polifemo!», comentou o meu pai, misteriosamente.

«Aquece-a outra vez», disse ele. Voltei a pôr a barra no fogo. «Desta vez, mergulha-a na água *antes* de ela começar a brilhar.» Entusiasmado com o ferro a chiar, fiquei contente por termos repetido o processo de «têmpera», como os

metalúrgicos o denominam, três ou quatro vezes. Antes de eu ter a oportunidade de admirar devidamente a minha nova espada, o meu pai anunciou que chegara o momento da verdade: «Pega no martelinho e dá uma pancada forte na ponta da espada», ordenou.

«Mas eu não quero estragá-la», protestei.

«Anda lá, faz o que te digo, já vais ver. Dá-lhe com força!»

Assim fiz. O martelo atingiu a ponta da espada e ricocheteou imediatamente. Martelei-a sucessivas vezes. Nada feito. A minha espada mostrava-se imune aos golpes. Enrijecida.

A iniciação de uma criança ao materialismo histórico

O meu pai não conseguiu conter-se. O que eu presenciara, explicou ele, não era meramente uma grande transição — como no caso do estanho que derreteu —, mas uma grande transformação. É verdade que o cobre facilitara a nossa libertação da Pré-História: a sua capacidade de se fundir com o arsénio e o estanho para dar origem ao metal mais rijo, o bronze, dotou os mesopotâmios, os egípcios e os aqueus de novas tecnologias, como novos arados, machados e sistemas de irrigação, permitindo-lhes, em última análise, produzir os grandes excedentes agrícolas que financiaram a construção de templos esplêndidos e a constituição de exércitos sangüinários. Contudo, para a História avançar com rapidez suficiente para dar origem ao que hoje designamos por civilização, a humanidade precisava de algo muito mais rijo do que o bronze. Precisava que os seus arados, martelos e estruturas metálicas tivessem a dureza da ponta da minha espada. Precisava de aprender o truque que eu tinha visto na nossa sala de estar: como transformar o ferro mole em aço temperado, «batizando-o» em água fria.

As comunidades da Idade do Bronze que não aprenderam a batizar o ferro acabaram por perecer, insistiu ele.

As espadas dos seus inimigos blindados com ferro cortavam os seus escudos de bronze, os seus arados não conseguiam cultivar os solos menos férteis, as ligações metálicas que seguravam as suas barragens e templos eram demasiado fracas para satisfazer as ambições dos arquitetos visionários. Em contraste, as comunidades que mobilizavam a *techne*, a arte, de «acerar» o ferro prosperaram na agricultura, no campo de batalha, no mar, no comércio, nas artes. A magia do ferro sustentava o novo papel da tecnologia como força motriz que conduziu à civilização e aos seus descontentamentos.

Não fosse eu duvidar da pertinência cultural da nossa pequena experiência — e da chegada da Idade do Ferro —, o meu pai explicou a sua referência anterior ao «pobre Polifemo», o gigante de um só olho que, segundo Homero, prendeu Ulisses e os seus homens numa gruta, dedicando-se a devorá-los um a um. Com o intuito de se livrarem do cativo, Ulisses esperou que Polifemo caísse numa embriaguez profunda, aqueceu uma estaca de madeira na fogueira acesa na gruta e, com a ajuda dos seus companheiros, enfiou-a no único olho de Polifemo. «Lembras-te do som do ferro a chiar?» perguntou o meu pai. Pois bem, Homero deve ter ficado igualmente impressionado com isso, a julgar pelo verso de *A Odisseia* que descreve esse momento cruel:

E tal como o ferreiro mergulha um grande machado ou uma enxó em água fria, no meio de enorme chiadeira, para o temperar — pois é daí que vem a força do ferro —, também o olho de Polifemo chiou à volta da estaca de oliveira.¹

Ulisses e os seus contemporâneos precederam a Idade do Ferro e não poderiam ter sabido como o chiar deste metal anunciava um endurecimento molecular de significado histórico. Mas Homero, que viveu alguns séculos após a Guerra de Troia, era uma criança da Idade do Ferro, e, portanto, amadureceu no meio da revolução tecnológica e social que o aço desencadeara. Não fosse eu pensar que Homero era um caso isolado, o meu pai sublinhou a influência duradoura da magia do ferro citando Sófocles, que, quatro séculos depois, descreveu a alma como «enrijecida como o ferro imerso».

A Pré-História deu lugar à História, disse o meu pai, quando o bronze substituiu as ferramentas e armas de pedra. Com a ampla utilização do bronze após o ano 4000 a.C., surgiram potentes civilizações na Mesopotâmia, no Egito, na China, na Índia, em Creta, Micenas e noutros lugares. Mas, mesmo assim, a História contava-se em milénios. Para passar a contar-se em séculos, foi necessário descobrirmos a magia do ferro. Quando teve início a Idade do Ferro, por volta do século IX a.C., surgiram rapidamente três épocas diferentes e notáveis, em não mais de sete séculos ao todo: o período geométrico, a era clássica e a civilização helenística.

Das velocidades glaciais da Idade do Bronze, a humanidade foi projetada para os desenvolvimentos vertiginosos da Idade do Ferro. Durante muito tempo, porém, continuou a ser demasiado difícil e dispendioso produzir o ferro e o aço. Mesmo após a Revolução Industrial, os primeiros navios a vapor eram, na sua maioria, de madeira, sendo de aço apenas os componentes essenciais (caldeira, chaminé, juntas). Entra em cena mais um dos grandes heróis do meu pai, Henry Bessemer, que inventou uma técnica para produzir grandes quantidades de aço a baixo custo, por meio da injeção de ar no ferro-gusa fundido com o objetivo de queimar as impurezas. Foi então, segundo o pai, que a História acelerou,

atingindo velocidades com as quais estamos familiarizados nos dias que correm. Juntamente com o domínio do eletromagnetismo, que devemos a outro vitoriano, James Maxwell, a técnica de Bessemer proporcionou-nos a Segunda Revolução Industrial — o período de rápida inovação tecnológica a partir de 1870, que se distingue da introdução das fábricas no início daquele século, na Primeira Revolução Industrial — com as suas maravilhas e horrores inextricavelmente ligados.

Fazendo a retrospectiva daquelas poucas noites de inverno de 1966, agora percebo perfeitamente que o meu pai estava a iniciar-me no «materialismo histórico» — o método de compreender a História como um ciclo constante de retroalimentação entre, por um lado, a forma como os seres humanos transformam a matéria e, por outro, o modo como o pensamento humano e as relações sociais são transformados em retorno. Felizmente, o materialismo histórico do meu pai era matizado, e o seu entusiasmo pela tecnologia era temperado por doses prudentes de angústia sobre a capacidade infinita da humanidade para deitar tudo a perder, para transformar uma tecnologia milagrosa num verdadeiro inferno.

O ferro, como todas as tecnologias revolucionárias, acelerou a História. Mas em que direção? Com que propósito? Com que efeito sobre nós? Como o meu pai explicou, desde o início da Idade do Ferro, houve quem previsse as suas trágicas consequências. Hesíodo compunha versos mais ou menos na mesma altura que Homero. A sua obra *Os trabalhos e os dias* serviu para arrefecer saudavelmente o entusiasmo do meu pai pelo ferro e, mais genericamente, pela tecnologia:

Oxalá não me tivesse calhado viver entre os povos da Quinta Idade [a Idade do Ferro]: preferia ter perecido antes ou nascido depois. Pois esta é, de facto, uma geração de ferro, que nunca conhece repouso: de dia, o labor e a dor;

de noite, a morte à espreita... Mesmo que algum bem se insinue entre os seus males... [esta geração] negará clemência ao que cumpre o juramento, ao justo e ao bom... a força usurpará o direito... e os maus infligirão sofrimento aos mercedores... restarão apenas dores para os mortais, e não haverá salvação contra o mal.²

Segundo Hesíodo, o ferro endureceu não só os arados, mas também a nossa alma. Sob a sua influência, o espírito humano foi martelado e forjado no fogo, enquanto os nossos desejos acabados de nascer eram temperados como o metal que chia no caldeirão do ferreiro. Num tempo em que a nossa riqueza florescia e os nossos haveres cresciam, as virtudes eram postas à prova e os valores, aniquilados. A força deu origem a novas alegrias, mas também a fadigas e injustiças. Um dia, previu Hesíodo, Zeus não teria outra opção senão destruir a humanidade, que se mostrava incapaz de conter o poder que a tecnologia lhe conferira.

O meu pai queria discordar de Hesíodo. Queria acreditar que nós, os seres humanos, seríamos capazes de nos tornarmos senhores da nossa tecnologia, em vez de a usarmos para nos escravizarmos a nós próprios e aos demais. Quando Prometeu roubou o fogo — símbolo do fulgor branco da tecnologia — a Zeus, em nome da humanidade, fê-lo na esperança de que essa luz nos iluminasse a vida sem incendiar a Terra. O meu pai queria acreditar que poderíamos ser motivo de orgulho para Prometeu.

Do calor à luz

Um otimismo inato era apenas uma das razões pelas quais o meu pai mantinha a esperança de que a humanidade não desperdiçaria os poderes mágicos que me revelara junto

à lareira. Outra prendia-se com o fascínio que sentira ao deparar-se com a natureza da luz.

Certa vez, enquanto eu retirava do fogo uma barra de ferro, o meu pai perguntou: «Tens noção do que sai do metal incandescente até chegar ao teu olho, para poderes ver o seu brilho avermelhado?» Eu não fazia ideia. Felizmente, não era o único.

Durante séculos, a luz dividira as melhores mentes, dizia ele. Alguns, como Aristóteles e James Maxwell, consideravam a luz uma espécie de perturbação no éter, uma onda que se propaga a partir de uma fonte inicial — tal como o som. Outros, como Demócrito e Isaac Newton, postulavam que, ao contrário do som, a luz não consegue contornar obstáculos — algo que as ondas fazem pela sua própria natureza —, pelo que teria de ser composta por minúsculas entidades, ou partículas, que viajam em linha reta até atingirem a nossa retina. Quem tinha razão?

A vida do meu pai mudou, pelo menos de acordo com as suas palavras, quando leu a resposta de Albert Einstein: *todos eles* tinham razão! A luz é, simultaneamente, um fluxo de partículas e uma sucessão de ondas. Mas como poderia isso ser possível? As partículas diferem, de forma fundamental, das ondas. Encontram-se localizadas num único ponto num dado momento, possuem momento linear e deslocam-se apenas em linha reta, até se depararem com algum obstáculo. As ondas, pelo contrário, são oscilações de um meio, o que lhes permite contornar obstáculos e transportar energia em múltiplas direções ao mesmo tempo. Provar, como Einstein o fizera, que a luz tinha a natureza de partículas e de ondas implicava admitir que algo pode ter ao mesmo tempo duas naturezas totalmente contraditórias.

Para o meu pai, a natureza dual da luz constituiu a porta de entrada para o reconhecimento do dualismo essencial que

permeia toda a Natureza, e também a sociedade. «Se a luz pode ter duas naturezas tão distintas ao mesmo tempo», interrogava-se ele numa carta que escreveu em jovem à sua mãe, «se a matéria é energia e a energia matéria», como Einstein também descobrira, «por que razão havemos de compreender a vida apenas em termos de preto e branco ou, pior ainda, de algum tom de cinzento»?

Quando tinha doze ou treze anos, já era evidente para mim, pelas nossas conversas constantes, que o amor do meu pai pela magia do ferro — a tecnologia — e pela física de Einstein — a dualidade contraditória de todas as coisas — estava ligado à sua orientação política de esquerda, devido à qual passara vários anos em campos de prisioneiros. A minha suspeita confirmou-se quando me deparei com o texto de um discurso proferido por quem formulara pela primeira vez a noção de materialismo histórico: Karl Marx. Era como se tivesse sido o meu pai a proferir as seguintes palavras:

Nos nossos dias, tudo parece prenhe do seu contrário. Observamos que maquinaria dotada do maravilhoso poder de encurtar e de fazer frutificar o trabalho humano o leva à fome e a um excesso de trabalho. As novas fontes de riqueza transformam-se, por estranho e misterioso encantamento, em fontes de carência. Os triunfos da arte parecem ser comprados à custa da perda do caráter.³

O poder de abreviar o trabalho humano e torná-lo frutífero resultava da grande transformação da matéria que o meu pai se empenhara em demonstrar para meu proveito: o ferro a transformar-se em aço na nossa lareira, o calor a transformar-se em energia cinética na miraculosa máquina a vapor de James Watt, os pequenos milagres a ocorrerem dentro dos

ímanes e cabos do telégrafo. Mas, a partir da Quinta Idade de Hesíodo, era um poder que também vinha prenhe do seu contrário: o poder de fazer passar fome e sobrecarregar, de transformar uma fonte de riqueza numa fonte de carência.

A ligação entre as duas devoções do meu pai — aos fornos, à metalurgia e à tecnologia em geral, por um lado, e às suas convicções políticas, por outro — tornou-se impossível de ignorar quando li pela primeira vez o *Manifesto do Partido Comunista*, nomeadamente a frase:

Tudo o que é sólido se volatiliza, tudo o que é sagrado é profanado, e o homem é por fim obrigado a encarar com olhos prosaicos as suas reais condições de vida e as relações com os seus semelhantes.⁴

Esta leitura trouxe-me à memória o seu entusiasmo infantil ao ver o metal a derreter-se diante da nossa lareira ou, ainda com maior aparato, na siderúrgica onde ele dirigia o departamento de controlo de qualidade e onde as temperaturas eram suficientemente altas para o ferro literalmente «se volatilizar».

Mas, ao contrário de Hesíodo — ou, de facto, dos moralistas da nossa própria era — o meu pai não sentia que tivesse de tomar partido, de ser um tecnófobo ou um entusiasta da tecnologia. Se a luz pode ter duas naturezas contraditórias, e se toda a Natureza repousa sobre uma oposição binária, então o ferro endurecido, as máquinas a vapor e os computadores interligados também podiam ser, simultaneamente, libertadores e escravizadores. E assim, cabe-nos a nós, coletivamente, determinar qual das duas naturezas assumirá. É aqui que entra a política.

O capitalismo morreu.
Bem-vindos ao tecnofeudalismo.

Gradualmente, a partir do próprio capital e das vertiginosas mudanças tecnológicas das últimas décadas, o capitalismo esborroou-se. Os mercados tradicionais foram substituídos por plataformas digitais e o lucro vem, agora, das rendas que pagamos por espaço na nuvem. À velocidade dos nossos *scrolls* e cliques, este novo sistema económico, a que Yanis Varoufakis chama «tecnofeudalismo», consolida o poder das grandes empresas tecnológicas e redesenha o mapa geopolítico.

Misturando história, economia e referências de Homero a *Mad Men*, Yanis Varoufakis descreve os perigos desta perniciosa configuração para os valores liberais e para a própria democracia — e o que será necessário para a derrubar.

Objetivamente é uma coleção da Objectiva.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 editoraobjectiva

 penguinlivros

ISBN: 978-989-589-144-3



9 789895 891443